

Um olhar sensível sobre o Holocausto

A look at sensitive about the Holocaust

Leniza Kautz Menda*

Resumo: Na obra de Savyon Liebrecht, a família serve para os sobreviventes como uma espécie de âncora existencial, mesmo quando não satisfaz muitos de suas necessidades emocionais. Este artigo analisa o casamento de alguns sobreviventes do Holocausto como um desejo de auto-preservação e segurança pessoal.

Palavras-chave: Holocausto. Literatura Israelense. Savyon Liebrecht.

Abstract: In Savyon Liebrecht's literature, the family serves to the survivors as a kind of existential anchor, even if it does not meet many of their emotional needs. This article discusses the marriage of some Holocaust survivors as a desire for self-preservation and personal safety.

Keywords: Holocaust. Israeli Literature. Savyon Liebrecht.

O passado não existe em seu estado perfeito, bruto e puro como uma pedra. O passado só existe porque existe a memória, e a memória é traição: tanto subtrai quanto acrescenta, tanto rasga quanto emenda.

Cíntia Moscovich

O trecho acima ilustra, de forma significativa, a maneira como Savyon Liebrecht, escritora israelense contemporânea, lida com o tema do Holocausto, na medida em que retrata, em seus contos, personagens oprimidos e com profundas cicatrizes em relação a esse fato histórico.

Liebrecht nasceu em Munique, na Alemanha, em 1948, logo depois de seus pais, imigrantes poloneses, terem sido libertados dos campos de concentração. Quando tinha apenas um ano de idade, eles a levaram para Israel, onde ela foi criada e educada. Liebrecht fez o serviço militar num *kibutz* e, após a sua saída do exército, foi a Londres estudar Jornalismo. Desiludida com o nível de instrução em sua escola londrina, Liebrecht retornou a Israel onde obteve o Bacharelado em Filosofia e Literatura Inglesa na Universidade de Tel Aviv. É reconhecida como uma das mais importantes escritoras judias em Israel, tendo ganho um grande reconhecimento com a publicação de sua primeira coletânea de contos intitulada *Apples from the Desert*, em 1986. Nada mais natural, então, que a presença do Holocausto seja uma constante em sua obra. A autora, no entanto, não se preocupa em descrever os horrores da barbárie, mas em demonstrar os seus reflexos na memória dos sobreviventes.

Num conto intitulado "Mother's Photo Album" (Álbum de foto da mamãe) o papel da memória na reconstituição do Holocausto é extremamente acentuado sob o ponto de vista do narrador. O protagonista, Joshua Hoshen tornara-se médico pois, no inconsciente, alimentava o desejo de curar sua mãe que sofria de depressão psicótica. A doença irrompe quando o marido polonês recebera uma carta da América na qual se inteirava de que sua ex-esposa, a qual ele supunha morta no campo de concentração, estava viva. Ele abandona, então, a mulher com quem se casara após a guerra, e o filho que tivera com ela, o qual viria a tornar-se o futuro médico. O álbum de fotografias guardado pelo menino à sete chaves durante toda a sua vida era o único consolo para o sentimento de abandono presente em sua vida, após a ausência do pai e a internação de sua mãe com o diagnóstico de doença mental. O menino conserva as fotografias nas quais ele aparece entre os pais, o que lhe proporciona um grande prazer e uma gostosa sensação de conforto e proteção.

Mesmo tendo sido adotado por Nehama e Yigal no kibutz, Joshua não deixa de visitar sua mãe no hospital, embora ela não o reconhecesse. Tampouco as fotografias de Joshua trazem-na de volta à realidade. O olhar sensível de Liebrecht desperta a compaixão do leitor que se torna solidário não somente em relação ao sofrimento do rapaz como também à angústia de sua mãe. Assim ficamos sabendo, por meio de *flashbacks*, que a mãe de Joshua, de origem polonesa, nascera em 1915, sobrevivera à guerra escondida numa fazenda e fora violentada sexualmente aos dezesseis anos de idade. Durante muitos anos temera ser denunciada pelos vizinhos cristãos e tivera que se esconder em vários locais. Perdera todos os parentes que estiveram refugiados em campos de concentração durante o Holocausto e casara-se com um polonês, tendo o casal emigrado para Israel em 1951. Lá nascera Joshua.

A conservação do álbum de fotografias ao longo de toda vida serviu como uma espécie de alívio para o sofrimento de Joshua e um indicativo de que o casamento de seus pais, mesmo não tendo sido realizado por amor, podia ser considerado como uma espécie de âncora existencial para a existência do rapaz. Na idade adulta, ao defrontar-se com o álbum, Joshua vê a si mesmo refletido na criança que um dia ele fora e se sente extremamente protegido por ambos os pais, desejo inerente a todo e qualquer indivíduo equilibrado e sensato, sobretudo, para um filho de sobreviventes do Holocausto.

No conto “Morning in the Park with the Nannies” (Manhã no parque com as babás), Liebrecht esboça um panorama descritivo do episódio do Holocausto. Nesse conto, pertencente à antologia “What am I Speaking, Chinese? She Said to Him”, a autora descreve uma linda manhã no parque, em que as protagonistas são as babás responsáveis pelos filhos de gente abastada. A narradora se defronta com uma delas e se lembra de quando ambas estavam juntas no campo de concentração. As memórias emergem, mas a narradora, diante daquelas tragédias, procura manter uma espécie de estranhamento, talvez como um mecanismo de auto-preservação. Ela se lembra de que as duas se olhavam como se o destino dos outros não lhes dissesse respeito.

Na memória da narradora surgem cenas de estupro a meninas judias por parte dos soldados alemães. Também ocorrem à sua memória cenas em que, antes da ida para os campos de concentração, pessoas relataram a miserabilidade da comemoração do *Seder de Pessach*. A narradora mostra-se, de forma particular, sensibilizada pelo relato de uma mãe judia que enlouquecera diante das buscas e apreensões da polícia nazista. No relato dessa mãe, consta a descrição da mesa de *Pessach* a qual havia sido servida com migalhas de pão embebidas na água para fingir que eram as *matzot*, pedras catadas no gueto no lugar das garrafas de vinho e os pratos para peixe, sopa e carne totalmente desprovidos de seus conteúdos. O desejo de manter o ritual simbólico e o de preservar a união familiar chocam-se, assim, com a miserabilidade do gueto. Tal ruptura, portanto, representou um terreno fértil para o surgimento da loucura. O relato expressa a deterioração do ser humano e os sentimentos de perda e de humilhação que foram se apoderando dos judeus que residiam nos guetos até a sua degradação final e a morte nos campos de extermínio.

Liebrecht critica a sociedade israelense, especialmente os parentes dos sobreviventes, pela sua relutância em demonstrar empatia pelas mentes atormentadas dos sobreviventes e descaso para com seus relatos de episódios cruéis.

No prefácio ao livro de Savyon Liebrecht “Apples from the Desert”, intitulado “O poder curador da arte de contar histórias”, a crítica literária Lily Rattok, em março de 1988, tece alguns comentários a respeito da negação e do descaso da nova geração israelense em relação ao Holocausto. Essa dificuldade era basicamente devida à inimaginável natureza das atrocidades infligidas pelos nazistas a uma população indefesa e inocente, a qual dificilmente poderia ser expressa por palavras. As

crueldades enraizavam-se, no entanto, no fundo da memória dos sobreviventes. Além da profundidade das atrocidades, segundo Rattok, havia componentes específicos na composição e na formação do Estado israelense que contribuíram para as dificuldades de aceitação e empatia e relação ao sofrimento imposto aos sobreviventes.

Segundo Lily Rattok, uma outra dificuldade de aceitação do Holocausto resulta do sentimento de culpa daqueles que se estabeleceram em Israel antes do Holocausto por não terem salvo seus parentes residentes nas comunidades européias que foram exterminadas pelos nazistas. Essas dificuldades, junto a uma decisão consciente de muitos sobreviventes, após a liberação dos campos de não exporem suas feridas e reprimirem suas experiências, também contribuíram para a desconsideração do Holocausto.

O enfoque deste ensaio está centrado na exposição e análise de três contos intitulados respectivamente “Hayuta’s Engagement Party” (A festa de casamento de Hayuta), “Excision” (Extirpação) e “A Married Woman” (Uma mulher casada), que compõem *Apples from the Desert* (Maçãs do deserto), que foi publicado por Savyon Liebrecht em 1986.

No primeiro conto, “Hayuta’s Engagement Party”, Savyon faz uma crítica explícita à relutância dos jovens em abrir seus corações aos sofrendores e à indiferença da neta Hayuta para com seu avô Mendel, especialmente quando as suas memórias do Holocausto vinham à tona. Ela tenta impedir que ele assista à festa de seu casamento com medo de que ele pudesse estragar a celebração com suas histórias e lembranças do Holocausto:

Mas nós não podemos simplesmente deixar de convidá-lo”, disse Bella, a mãe, como se estivesse argumentando consigo mesma.” Apesar de tudo – em uma ocasião como essa – a sua primeira neta está se casando. Isto é algo realmente especial para ele, o sonho sobre qual ele falou – uma grande família. Eu não vejo por que ele não deve ser convidado. Nós nunca nos perdoaremos. Não esqueça que ele já tem 83 anos... Podemos simplesmente ignorá-lo?” “Nós poderíamos mandá-lo viajar”, disse Hayuta pragmaticamente, como se estivesse tudo um repentino distúrbio mental. Bela olhou para a filha e estremeceu: eis ela querendo se livrar dele como se fosse um objeto descartável, com aquela característica indiferença da nova geração. Hayuta já esquecera como ele a havia criado e mimado, disposto até mesmo a dar comida para ela. (LIEBRECHT, p. 83.)

O avô Mendel era um sobrevivente do Holocausto que, durante a guerra, havia deixado seus filhos aos cuidados de uma camponesa de origem polonesa. Quando reencontrou seus filhos, estava num estado deplorável de magreza e com imensas seqüelas físicas e psicológicas. Alimentava o desejo de ir para a América e encontrar sua esposa. Seus planos foram destruídos, uma vez que não conseguiu realizar nenhum dos seus sonhos. Mendel casa-se novamente e a segunda esposa cria seus filhos como se fossem dela. O assunto do Holocausto, diante de sua nova vida, fica sepultado em suas memórias que são reprimidas. Seus filhos nunca lhe perguntaram o que lhe sucedera durante todos aqueles anos em que estiveram se arrastando no estercor da fazenda da camponesa – como se desejassem que as recordações se evaporassem. O próprio Mendel falava com inteligência e presteza sobre a situação econômica da Rússia, da América e sobre os acontecimentos que havia no jornal. Sobre a guerra, porém, nunca mencionara sequer uma palavra, como se fosse um assunto proibido.

As memórias de Mendel tornavam-se mais nítidas em ocasiões festivas, no momento em que se propunha um “Lechaim” (Brinde) diante da fartura da mesa. Nessas ocasiões, o velho se lembrava com nitidez das cenas cruéis que havia presenciado no campo de concentração:

Tornou-se um hábito, quando as mesas de Shabat e das festas estavam servidas, o avô Mendel lhes falava sobre pessoas que caíam mortas nas ruas nos campos e sobre outras que assaltavam os mortos tomando-lhes os sapatos, colocando-os de lado com seus pés e cobrindo-os com jornais. Ele lhes contava sobre os que morriam de inanição com barrigas inchadas e olhos fundos;; sobre o homem que fazia a triagem das roupas das vítimas e que encontrava o vestido com pérolas bordadas na parte da frente, o qual ele havia dado a sua esposa quando o filho nascera. Também lhes contava sobre o rapaz que encontrara sua mãe entre os mortos quando os estava carregando para o crematório. (LIEBRECHT, p. 86.)

Os familiares, diante daquelas recordações, reagiam das mais diversas formas, desde a completa resignação até a mais cruel revolta tal como a demonstrada por Shifra, a cunhada de Bela:

Ele está estragando a minha noite”, ela bradava, sabendo perfeitamente bem que suas palavras chegariam a seus ouvidos”. “Nós já sofremos e ouvimos o suficiente. Nós já não temos o Dia da Recordação e o Dia do Holocausto? Eles não te deixam esquecer sequer por um instante. Então, por que eu preciso que me lembrem numa refeição? Não entendo como vocês conseguem continuar comendo quando ele continua falando em supuração de feridas, sangue, vômito – mas isso é com vocês. Para mim, no momento em que ele abre a boca, a festa termina. (LIEBRECHT, p. 88.)

Shifra faz menção ao decreto de Israel que estabelece um dia de luto para honrar os 6.000.000 de judeus que morreram no Holocausto, oficialmente denominado “Dia do Holocausto e Heroísmo”. Essa ritualização da lembrança do Holocausto é importante para as novas gerações que, por vários motivos, entre eles a ausência inconsciente de memória dos pais e a da repressão dos sentimentos, contribuiu para a indiferença dos jovens em relação a esse cruel e sangrento fato histórico.

A súbita morte do avô na festa de casamento de Hayuta cala para sempre as suas memórias e as feridas do Holocausto que não puderam e nunca poderiam ser cicatrizadas. A memória, no caso, serviu para traí-lo e poderia, simplesmente, representar a vingança contra os preconceitos, indiferença e apatia da nova geração: Com um lenço, Bela, a filha, seca o rosto angustiado que não conhecera alívio final e os lábios cerradamente franzidos sob uma camada de frieza acumulando com firmeza as palavras que jamais trariam a salvação nem a conciliação, nem sequer um alívio instantâneo. (LIEBRECHT, p. 91-92.)

Em “Excision” (Extirpação), pertencente à mesma coletânea, Savyon Liebrecht retrata o drama interior e o comportamento obsessivo da avó Henya a qual, em virtude do trauma no campo de concentração, raspa a cabeça de sua neta ao constatar, por meio de um bilhete da professora, que o cabelo da menina estava infectado de piolhos. Tal atitude da avó paterna causa revolta em todos os membros da família, especialmente porque o corte ocorre às vésperas do aniversário da menina. A atitude da mãe, ao defrontar-se com a filha, foi a de total revolta contra a sogra e de indignação diante de um ato demasiadamente insensato: “Não quero mais ouvir falar dessas pré-histórias. Eu te disse para ela não cuidar de nossa filha. Ela é Louca! Ela perdeu alguns parafusos no Holocausto”. (LIEBRECHT, p. 97)

O desabafo agressivo da nora expressa o desprezo da nova geração israelense diante do Holocausto e a dicotomia entre civilização e barbárie, implicando uma mistura de sentimentos contraditórios em

relação a nosso julgamento dos seres que passaram crueldades nos campos de concentração nazistas. Há toda uma redoma de proteção em relação às crianças de modo a ocultar o sofrimento dos antepassados, a qual é expressa verbalmente por Ziva, a nora de Henya: Ela sabe o que os piolhos faziam quando as pessoas morriam nos campos. Uma menina de quatro aninhos precisa ouvir e saber tais coisas? Esta é uma história para sua idade? Eu quero que minha filha ouça histórias sobre Cinderela e não sobre Auschwitz! (LIEBRECHT, p. 97.)

A educação transmitida pela nova geração está calcada na alienação e na tentativa de esquecimento do Holocausto. Percebe-se, portanto, que o passado só existe porque existe a memória. No momento em que Henya se defronta com o bilhete da professora, o seu passado no campo de concentração vem à tona e, com ele, a cicatriz e a dor diante de experiências reais, cruéis e amargas:

De manhã, ela descobriria que sua vizinha do outro lado, aquela que havia parado de sonhar há muitas semanas, morrera durante o sono. Quando as mulheres se apressaram, pela manhã, a perfilar-se em frente às barracas, os piolhos começaram a sair do corpo morto; eles pareciam uma fileira preta salpicada em direção à testa, dirigindo-se a outro corpo e procurando uma nova vida para si. (LIEBRECHT, p. 98.)

O título do conto é ambíguo pois pode significar tanto “remoção” quanto “corte”. Assim, o tema do episódio não é somente o corte do cabelo, mas a remoção e a própria destruição de uma vida, ou de sua memória, durante o Holocausto. Há uma marca dessa destruição que passa de uma geração a outra, pois as seqüelas deixadas pelo corte do cabelo permaneceriam no inconsciente da neta pelo resto da sua vida.

Ao longo da obra de Savyon Liebrecht percebe-se uma forte necessidade de pertencer, principalmente, a uma família. Essa necessidade está vinculada ao estado emocional dos sobreviventes do Holocausto e a de seus filhos, como testemunhou a própria autora. A separação traumática da família e dos amigos, além da incapacidade das vítimas em protegerem os seus amados deixou profundas cicatrizes em suas psiques. Os sobreviventes estavam dominados por insuportáveis sentimentos de culpa, extrema solidão e vazio existencial. Consequentemente, a necessidade de iniciar uma nova família tornou-se o objetivo de suas vidas.

Dessa forma, na obra de Savyon, a família serve para os sobreviventes como uma espécie de âncora existencial, mesmo quando não satisfaz muitos de suas necessidades emocionais. Muitos dos sobreviventes do Holocausto se casaram pelo desejo de auto-preservação e segurança pessoal; as aspirações individuais e a felicidade pessoal geralmente ficavam em segundo plano. No conto “A Married Woman” (Uma mulher casada), os personagens se casaram sem amor, somente para preencher o vazio existencial de suas vidas após o encontro em uma estação rodoviária de Varsóvia. O encontro de Hannah Rabinsky e Moshe e seu futuro elo matrimonial começa num apartamento onde os sobreviventes do Holocausto se abrigaram. A união resulta de um sentimento de compaixão:

Ela o via pela primeira vez na estação ferroviária de Varsóvia... O lugar abundava em treva, e trens de cores cinzenta despejavam refugiados na plataforma... Alguns perambulavam pela multidão procurando os parentes desaparecidos. Vários sobreviventes da cidade de Sosnow se aglomeravam em um apartamento perto da estação que antigamente era usado para o escritório do Ministério do Transporte Polonês. Ele se dirigiu a ela chamando-a pelo nome de outra pessoa e, então, conduziu-a até o apartamento. E ela o seguiu como se já tivesse previsto o futuro. No

apartamento, ela conheceu os outros. De tempos em tempos eles se apalpavam, tentando, como crianças, aprender a linguagem de um mundo que havia sido recriado para eles. Eram cuidadosos com as palavras, sentindo que suas feridas se expunham ao som de suas vozes, ao tato de uma mão, ao sopro do vento. E, por outro lado as pessoas se procuravam como se fossem cegas. Todas as noites eles celebravam um casamento, assistido por todos os seus mortos. Aconteceu na noite de casamento de Avram e Bina. Moshe estava sentado num cobertor que tinha espalhado no chão, cercado de pessoas. Hannah estava sentada ao fundo, e ela não conseguia desviar os olhos dele durante a cerimônia... Uma imensa compaixão e bondosa ternura fizeram com que ela tocasse em suas costas gentilmente a fim de abrandar o desespero dominante. Então, ele subitamente se virou e disse num sorriso: “Nós devemos nos casar?” (LIEBRECHT, p. 74-75.)

A união de Hannah e Moshe sobreviveu a muitas tensões por parte dele, embora Hannah o protegesse com uma espécie de amor materno. A cada “escapada do marido”, Hannah demonstrara compreensão e perdão. O conto inicia num flashback no momento em que o processo de divórcio estava consumado e em que Hannah está prestes a tirar a fotografia de seu casamento da parede perto de sua cama. Hannah contempla a foto, antes de colocá-la no armário, e se recorda do casamento e dos anos que passaram juntos, quando Moshe a traía e desperdiçava o dinheiro em bebidas e jogo. O processo do divórcio, contudo, não se consuma de fato uma vez que a mulher continua cuidando de Moshe, alimentando-o e preparando-lhe sopa de galinha e massa caseira. A auto-preservação e a segurança pessoal eram os ingredientes básicos de um casamento realizado sem amor a ponto de a felicidade pessoal e a própria individualidade dos cônjuges serem abafadas em detrimento de uma união estável.

Três histórias, três cicatrizes unidas pela memória. As marcas do Holocausto jamais poderão ser extintas, apesar do descaso das gerações mais jovens. Savyon Liebrecht, com seu olhar sensível, nos faz pensar em como, após tantos anos, o comportamento dos personagens Mendel, Henya e Hannah está pautado pelas feridas do Holocausto. As histórias dos personagens refletem semelhança com a de nossos próprios parentes e conhecidos que sobreviveram a tal genocídio.

Resta-nos lembrar, compreender e tentar, na medida do possível, lutar e esperar para que as cicatrizes sejam amenizadas.

* **Leniza Kautz Menda** é Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tradutora-Intérprete (Inglês) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tradutora Pública Juramentada de Língua Inglesa pela Junta Comercial do Rio Grande do Sul. Professora da Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora em Literatura Israelense Contemporânea.

Referências

LIEBRECHT, Savyon. Apples from the Desert. *Apples from the Desert: selected stories*. London:Loki Books,1998.

MOSCOVICH, Cíntia. *Por que sou gorda mamãe?* Rio de Janeiro. Record, 2006.

SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno Vocabulário do Judaísmo*. Edições Paulinas. São Paulo, 1987.